CIRANDAS INFANTIS

(Continuação)

MARTINZ DE AGUIAR

O BOM BARQUEIRO

Bom barqueiro, bom barqueiro,
dê licença de passar,
carregada de filhinhos,
para acabar de criar.

— Passarás, passarás,
mas alguém há de ficar;
se não for o de deante,
há de ser o de detrás.

Variantes: *passarás, ó! passarás; hé de ser o de detrás.* — A segunda estáncia é apenas a adaptação do TRÊS! TRÊS! à "brincadeira de roda" das creanças. A princípio, o TRÊS! TRÊS! fazia parte de outro ciclo de jogos puerís. Representava uma ponte levadiça, como lhe chamou Harquevaux-Pelletier, ou, antes, um alçapão, formado por braços levantados que em certo momento caíam, prendendo um dos jogadores. Tem acontecido o mesmo a outras cantigas, que são trasladadas para o grupo das cirandas: a ZABELINHA, os MARINHEIROS, o CORCUNDA, etc. Já vimos que, em O CRAVO E A ROSA, a última estrofe é:

Mangueira, me dá uma manga;
limoeiro, me dá um limão,
para tirar esta noda
que está no meu coração

Pois a mesma estrofe vem registada como uma dessas bem conhecidas quadras sôltas nas "Mil Trovas", de Agostinho de Campos e Alberto d'Oliveira, nos "Cantos Populares do Brasil", de Sílvio Romero, e ainda, segundo comunicação que me faz Leonardo Mota, o distinto folclorista e meu ilustre colega de Instituto, nas coletáneas de Simões Lopes Neto, Americano do Brasil e Carlos Góis. A principal diferença é que todos lêem *nódoa* e nenhum dá o verso *mangueira, me dá uma manga.* Entretanto, a quadra da nossa ciranda é evidentemente mais curial, por que, para tirar uma nódoa, se associa a agua ao suco do limão. *Manga,* aqui, não é a fruta. O vocábulo designa, *inter alia,* a *tromba de agua,* e daí o ser tomado na accepção de *jacto de agua.* E', porém, mui provável que fosse confundido pelas creanças com o nome da fruta, para o que concorreria também a palavra *limão.* Então, a fim de que se estabelecesse um paralelismo com o verso seguinte, apareceria *mangueira.* Por outro lado, porém, *mangueira* pode significar o tubo condutor de agua e, por isso, ainda assim, a frase não perdeu o sentido normal e próprio: *mangueira,* isto é: *tubo, dá-me uma manga,* isto é: *um jacto de agua.--Ó! passarás.* O povo não é muito amigo da interjeição *ó.* Em geral deixa de usá-la, quando não denota francamente alegria, espanto ou aborrecimento. Para chamar, substitue-a por *ô,* que não é senão o *hou* e *ou* dos antigos. — *Hé de ser.* Passagem de *a* a *e,* fato muito comum no português, como o contrário, *e* > *a,* o que deixei largamente provado no "Repasse Crítico", onde, na parte referente ao assunto (pag. 53-4), há observações por melhor verificar, erros talvez por corrigir, mas cuja doutrina cada vez mais me confirmo em que é absolutamente verdadeira.

A DANÇA DA CARRAPETA

A dança da carrapeta
é uma dança singular,
que põe o joelho em terra
e faz o amor chorar.

Menina, sacode a saia!
Menina, levanta o braço!
Menina, tem dó de mim!
Menina, me dá um abraço!

Variantes: *menina, dè-cá um abraço; menina, levanta o braço;/menina, sacode a saia; os braços; que faz o amor chorar.* — *Carrapeta.* Conforme o que leio nos "Fados, Canções e Dansas de Portugal", de João do Rio, a *dança da carrapeta* é, na velha Lusitánia, *a dança da carrasquinha.* Talvez sirva êste fato para elucidar a forma *carrapeta,* com *r* rolado ou, para falar com mais precisão acêrca da nossa pronúncia, com *r* gutural. A forma primitiva é *carapeta,* com *r* ténue, como o atestam os léxicos. E parece que é ainda hoje a pronúncia de uso mais extenso em Portugal. E' bem aceitável referir a forma por nós preferida à influéncia de *carrasquinha,* dada a equivaléncia dos dois termos. Se assim for, ou *carrapeta* foi levado para além-mar pelos portugueses "brasileiros" ou então a equivaléncia das expressões já se deu na própria península. -- *Põe.* Em lugar de *faz pôr,* como *faz chorar.* Na linguagem popular, é raro êsse uso de verbo com valor factitivo. — *Menina.* Na versão lusitana vem *Matilde.* Entre nós, pode-se trocar a palavra *menina* pelo nome de qualquer das cirandantes. — *Me dá um abraço.* João do Rio considerou *sacode, levanta* e *dá* como indicativos, que têm *Matilde* por sujeito. Foi engano manifesto do ilustre escritor. A própria disposição gramatical da cantiga mostra que se trata de imperativos, como os nossos. E assim sendo, temos um exemplo edificante da preferéncia dada pelo povo

brasileiro à próclise pronominal no início da proposição. Com efeito, os portugueses dizem *Matilde, dá-me um abraço*, e nós *menina, me dá um abraço.* O caso é tanto mais importante quanto, na nossa modificação, para que se refizesse a cadéncia métrica, foi necessário contrair *dá* e *um* numa só sílaba: *dá-um.* — *Dè-cá.* Por *dê cá.* Formando as duas palavras um grupo rítmico, a primeira sofreu a influéncia da segunda, que lhe comunicou o timbre aberto. No meu livro acima referido (pg. 25 a 33), estudei longamente o assunto. Essa acomodação vocálica é o fato dominante da pronúncia do norte do País. Nota-se também no francês moderno. Os foneticistas lusitanos não nos dizem se alguma vez ela se manifesta na fala dos seus compatrícios. Tendo, porém, a crer que na época da colonização do Brasil, quando o *o* e o *e* átonos começavam apenas a obscurecer-se ou ainda se não tinham obscurecido inteiramente, se manifestasse a metafonia, se não em todas as palavras, pelo menos em algumas. E' o que faz supor a voz *preamar,* em que o primeiro elemento representa o latim *plenus,* que postulava *preia,* como *cheia,* e nunca *préa,* como se profere, sem nenhuma discrepáncia, em todo o Brasil, prova bastante de que com o timbre aberto nos foi comunicada pelos colonizadores.

: : : : : : : : : :

A FLOREIRA

Comprem, comprem, cavaleiros,
comprem, comprem, meus senhores,
não deix' eu voltar pra casa
carregada assim de flôres.

— Meu senhor, eu vendo flôres
e ninguém quer me-comprar...
São tão baratas, tão lindas!
Melhores não pode achar.

— Ouve cá, bela floreira,
bela floreira, ouve cá:
se eu te comprar uma rosa,
um beijinho me hás de dar?!

— Meu senhor, eu vendo flôres
e não vendo o namorar...
Aquele que for meu noivo
só a êsse hei de beijar!

Trararí tratrá!
Trararí tratrá!
Só a êsse hei de beijar,
beijar!

Variantes: *são tão baratas e lindas; melhores não achará, não hé de achar; trararí trará.* — *Comprem.* Na versão lusitana, recolhida por João do Rio, lê-se *comprai.* E' de pouco uso o futuro do imperativo, principalmente a pessoa do plural, na linguagem popular, e pode-se dizer, sem temor a êrro, que está fadado a desaparecer completamente. — *Cavaleiro.* Forma antiga, e ainda hoje popular, tanto no sentido de homem que anda a cavalo como no de homem nobre, esforçado, gentil. A prosódia *cavalheiro,* do segundo sentido, foi influéncia dos fidalgos espanhóis que viviam na côrte portuguesa. *Cavalheiro* é o que vem na versão lusitana. — *Não deix' eu voltar.* Sintaxe típica da nossa dialetação. O português geral, de acôrdo com a tradição latina, pede *não me deixem voltar,* ou *não deixem que eu volte.* E' esta última a construção que oferece a versão peninsular. A sintaxe do povo, entretanto, uma que outra vez aparece na literatura dos dois países irmãos. Assim, escreve o nosso Adelmar Tavares, no "Caminho Enluarado" (pg. 110):

Quem tiver forças no mundo,
Do Vento fazer parar,
E o Mar não ter movimento,
Faça eu deixar de te amar! ...

E o Alberto Pimentel português, com o verbo *ver*, cuja sintaxe é igual à de *deixar:* "Dai-me um ponto de apoio, e *vereis eu erguer* o mundo." ("Diccionario de Invenções", pg. 27). A ligação de *deixem* com *eu* ou, antes, a elisão do ditongo *em* do plural dos verbos antes de um pronome que comece por vogal, é popular, comum e clássica. — *Carregada assim.* A versão lusitana dá *carregadinha,* diminutivo de intensidade, significando *muito carregada, completamente carregada.* O diminutivo de intensidade requere um certo acento musical próprio, incompatível com a cadéncia desta ciranda. Atribuo a isso a modificação brasileira. O diminutivo não tinha a intonação própria, perdeu por isso o seu valor intensivo e, tornado para nós incompreensível e inútil, foi substituído. — *E ninguém quer me-comprar.* Este verso é bem brasileiro, o que mais ressalta se o pusermos ao lado do da versão lusitana: *e ninguém mas quer comprar* ou *sem ninguém mas qu'rer comprar.* Em primeiro lugar, notamos a falta do objeto direto *as,* referente a *flôres,* tal como no português arcaico. Em segundo lugar, a ligação proclítica de *me* a *comprar.* Só por imitação se escreve, e até se diz, *quer-me comprar.* E devemos proclamar que a nossa colocação natural, que é bem provável fosse clássica, é que está de acôrdo com o caráter lógico da sintaxe ordinária, pois que *me* é determinante de *comprar,* e não de *querer.* — *Floreira.* Há tendéncia manifesta para substituir *floreiro* por *florista.* E' que o feminino *floreira* também se refere ao vaso para flôres e, assim, pode vir com êle a confundir-se a mulher que faz ou vende flôres. — *Trararí, tratrá, trará.* Agrupamentos de sílabas musicais, como vários outros que já vimos e como alguns que se encontram nos comediógrafos antigos, Gil Vicente, António Prestes, etc.

A CASINHA DE BAMBÚ

Casinha de bambú
—— ê ! ——
coberta de bambú
—— á ! ——
Uê, uê, uê!
Uá, uá, uá!

E um e dois e três
e quatro e cinco e seis
e sete e oito e nove...
pra doze faltam três!

Casinha, etc.

Eu fui para a escola,
aprender o bô-a-bá;
minha mestra me ensinou
na janela namorar!

Casinha, etc.

Tenho um amor, tenho dois,
tenho três, não quero mais:
de que me serv' os amores,
se não são nunca leais?!

Casinha, etc.

Mandei fazer uma roupa
das penas da sabiá,
para fazer um presente
ao meu querido papá!

Casinha, etc.

Variantes: *forrada de bambú — á!; um e dois e três; para doze faltam três, falta três; minha mãe me botou na escola; amanhã vou à escola; minha mestra leva o tempo / na janela, a namorar; minha mestra, na janela, / leva o tempo a namorar; das penas do sabiá; ao meu*

querido papai. — Há vários modos diferentes de cantar A CASINHA DE BAMBÚ. Os mais comuns são o que acabamos de ler, o que vem a seguir, com o título de O SOLDADINHO INGLÊS, e a fusão dos dois, observada a distribuição estrófica do primeiro, mas postas, em lugar da quarta e da quinta estáncias, as duas primeiras do segundo. Esta última é a maneira mais generalizada e é aquela a que primeiramente dei preferéncia, por que decidira suprimir O SOLDADINHO. Depois, resolví dar as duas com a forma por que o faço agora. — *Bambú.* As creanças dizem *bàmbuê, bàmbuá,* tornando quase irreconhecível a palavra *bambú.* E' uma exigéncia do ritmo binário que domina o verso *casinha de bambu — ê!* Temos aqui dois grupos: *casinha* e *de-bambú-ê.* O primeiro está sujeito ao ritmo binário *(ca SI nha),* que seria perturbado no segundo pela contiguidade de duas sílabas acentuadas (*bú* e *ê).* Daí, a necessidade de acomodar o ritmo e a consequente passagem do acento da sílaba *bú* para a sílaba *bam,* ficando o grupo mudado em *de BÀM bu Ê,* isto é, reduzido a: sílaba átona, sílaba tónica, sílaba átona, sílaba tónica. Um estudo que está por fazer, mas será importante e de resultados imprevistos, é o da sintaxe fonética (não digo — fonética sintática), das modificações sofridas pela frase em razão das condições fonéticas a que está submetida. Ver-se-ia então o papel preponderante do ritmo na linguagem. — *Ê* e *á* são interjeições denotadoras de alegria. *Ê* é considerado brasileirismo, mas penso que é antes um arcaismo, ao lado de *é,* como *ô,* ao lado de *ó.* As interjeições têm sido descuradas e entretanto se prestam a um estudo interessantíssimo de semántica e de filologia comparada. Vejamos um exemplo. Em francês há a interjeição *hourra,* em inglês *hurrah,* e vemos ambas, principalmente a última, usadas em português. Será por que não a possuímos? E o *ôrra!* que ouvimos a cada passo às pessoas mais iletradas e mais fora de influxos estranhos, para indicar admiração, alegria, incitamento, aborrecimento — que vem a ser? *Orra*

é essencialmente nosso, não se deve a nenhuma influéncia moderna e deve ter vindo já de Portugal, onde é possível mesmo que houvesse, ou haja, a forma *urra,* sem ser devida ao francês ou ao inglês, por que, ao lado do *upa* dos lusitanos, tolamente referido ao inglês *up,* temos também a forma *ôpa.* Teriamos assim: *ôrra* + *urra* = *ôpa* + *upa.* Estes exemplos de *ô, ê* e *ôpa* mostram que a vogal tónica das interjeições é passível de flutuações de timbre. — *Uê, uá.* Sílabas neumáticas. — *E um e dois.* A repetição da conjunção *e* caracteriza o português arcaico e não é rara entre os clássicos. Uma passagem de António Prestes: "Vem o Salteador *e* finge roubal-o *e* matal-o, *e* recolhem-se para dentro, *e* diz o Diabo, etc." ("Auto da Ave-Maria", pg. 65). O primeiro *e (e um)* finge a continuação de uma aula. Deve-se ainda notar que se está em presença duma enumeração, muito do agrado do povo. — *Bê-a-bá.* Soletração. — *Serv' os amores.* O mesmo caso de *não deix' eu voltar.* — *Sabiá.* A palavra é comumente do género feminino. O masculino resulta da influéncia dos eruditos, que aprenderam na gramática a regra de que são masculinas as palavras terminadas em *á.* — *Papá.* A forma mais comum é *papai,* que aparece na variante. *Papá* só é geralmente usada entre nós para indicar carinho. Foi mantida na ciranda por fôrça da rima. — *Falta três.* Esta concordáncia não é rara nos escritores mais castigados e é muito popular. — *Botar* é de uso latíssimo significando *pôr, colocar,* sentido em que parece ter-se arcaizado em Portugal. — *Leva o tempo.* Passa-o. E' o mesmo emprêgo de *levar (bem) a vida.*

: : : : : : : : : :

O SOLDADINHO INGLÊS

O' soldadinho inglês,
vestido de amarelo,
de branco e de azul
da cor daquele céu!

Se eu fosse para a Espanha,
tirava o meu chapéu
e dava os meus abraços
ao verdadeiro amor.

E um e dois e três
e quatro e cinco e seis
e sete e oito e nove...
pra doze faltam três!

Casinha de bambú
—— ê ! ——
coberta de bambú
—— á ! ——
Uê, uê, uê!
Uá, uá, uá!

Variantes: *soldadinho inglês; ó soldado inglês; que veste amarelo, / branco e azul; se eu fosse à Espanha; daria meus abraços; a meu verdadeiro amor. — Tirava.* O imperfeito do indicativo está fadado a vencer o futuro do pretérito na dialetação brasileira. — *Três.* Rimando com *seis.* Rima fonèticamente perfeita, por que a pronúncia que lhe damos é *treis,* como algumas pessoas por ignoráncia escrevem.

: : : : : : : : : :

A VIUVINHA

Viuvinha
da mata da lenha...
Ela quer se-casar,
mais não acha com quem!

— Não é com você,
não é com ninguém;
é com uma pessoa
que eu quero bem.

Variantes: *a viùvinha; quer se-casar; já quer se-casar; não acha com quem; que eu mais quero bem; a que eu quero bem.* — *Mata da lenha.* Atração semántica. Como há lenha na mata, disse-se *mata da lenha.* Este fenómeno de linguística psicológica, que se distingue perfeitamente da atração homonímica, a chamada etimologia popular, é muito comum na linguagem do povo. Está-se claramente a ver que o correto é *mata dalém.* A canção é monorrímica: *além, quem, ninguém, bem.* Bastava isto para provar a justeza da correção. Mas ela é demonstrada ainda pela versão lusitana que nos dá Teófilo Braga: "Eu sou viuvinha / Da *banda d'alem*" ("Os jogos populares e infantis", *in* "Era Nova", vol. 1880-1881, pg. 360.) — *Mais.* Ainda hoje é a forma conjuntiva predileta do povo, que, entretanto, também usa *mas.* — *Que eu quero bem.* A variante *a que eu quero bem,* se não é uma correção, o que não me parece, à vista do número de sílabas poéticas, mostra que o *a* inicial do quarto verso foi absorvido pelo *a* final do terceiro. Desaparecida a preposição, foi necessário manter a escansão por meio da pronúncia bem clara do *que* (= quê), embora o hiato que vinha a constituir com o pronome *eu.* Inquestionàvelmente, o *bem* da locução é o substantivo, o que, além do mais, se prova com a expressão arcaica *querer grão bem,* em que hoje substituímos o *grão* por *muito.* Acontece, porém, que o verbo *querer,* por si só, pode significar *amar,* como nos ensina Camões. Daí, ser possível ajuntar-lhe o advérbio *bem,* pelo que, assim como pela analogia de *bem-dizer* e *bem-fazer,* a par com *dizer bem* e *fazer bem,* se compôs *bem-querer.* Desde êsse momento estava feita a confusão entre *bem* substantivo e *bem* advérbio, e, consecutivamente, entre *a que quero bem* e *que quero bem.* Demais, a expressão *querer bem* estava exposta a considerar-se, pela unidade de idéa, um verbo conglomerado, à semelhança de *haver mister* e outros que aparecem nos mais puros escritores clássicos, até em Camões, servidos de objeto direto. E a variante *que eu*

mais quero bem, em que *mais* está antes de *quero*, diz-nos que assim de fato aconteceu. A construção com objeto direto relativo é popular em todo o País. E' sempre a que nos deparam as "Trovas Luzianas", de João Goiaz ("Revista da Academia Brasileira de Letras"), e os "Sambas e Cateretês", de Cornélio Pires. Não se diz, porém, em vez de *quero-lhe bem, o quero bem* ou *quero bem êle*, exceto na linguagem das creanças que começam a falar. — *A viuvinha . . ., ela quer se-casar*. Duplicidade de sujeitos comum no português arcaico e encontradiça no clássico: "Não, *o mestre, elle* virá como vier." (António Prestes: "Auto da Ave-Maria", pg. 17). Literàriamente, é com muita elegáncia usada hoje, pondo-se o sujeito pronominal no seu lugar próprio e o nominal no fim da proposição.

: : : : : : : : : :

A BARCA VIROU

A barca virou . . .
deixou de virar . . .
por causa da (fulana),
que não soube navegar.

Ingrato barqueiro,
não sejas assim:
embarca-me na barca,
tem pena e dó de mim.

Variantes: *o barco virou; ingrata (fulana); ó barco . . . barqueiro; não corras assim; embarque a sua barca; desembarque esta barca, desembarque; tenha pena de mim.* — *Virou . . . deixou de virar . . .* Linguagem hesitativa, como o *atirei . . . não atirei . . .* da FLOR. Aqui, porém, há um caso notável: primeiro, está a afirmativa; depois, a negativa; não se repete a afirmativa, mas a frase continua a desenvolver-se como se ela tivesse sido repetida.

De feição que o determinante adverbial *por causa, etc.* está ligado a uma afirmação mental. Êste pretérito perfeito, ora a negar, ora a afirmar, parece o resultado de uma simplificação vocabular ou de uma trasladação da narrativa do discurso indireto para o direto. Diz-se, no presente: *cai, não cai — vem, não vem — morre, não morre — vira, não vira, etc.* Igualmente, disse-se no passado *virou, não virou* por *estava para virar, não estava para virar,* ou *via-se que virava, via-se que não virava.* — *Embarca-me na barca.* Pode-se embarcar também num carro, num bonde, num trem, num avião. — *Pena e dó.* Sinonimia. Mas na linguagem infantil *pena* pode significar *saudade. Dó* é feminino para o povo. — *O' barco . . . barqueiro. Barco* não é, neste verso, o masculino de *barca.* E' a palavra *barqueiro* reduzida ao tema. Está no mesmo caso do erudito *luze-luzir* (sem razão escrito *luziluzir), vira-virar, gira-girar,* e do nosso popular *dorme-dormindo, fala-falando,* de frases como *o menino está dorme-dormindo, o homem está fala-falando.—Desembarque esta barca.* Outra atração semántica. Há a variante *desemborque esta barca,* e a idéa de *barca* sugeriu a de *desembarcar.* Se a barca virara, o que se fazia de mister era *desemborcá-la,* e não *desembarcá-la.* A variante *embarque a sua barca* é uma deturpação da lição que adotei: *embarca-me na barca.*

: : : : : : : : : :

A BARCA NOVA

Vamos, maninhas, vamos
à praia passear.
Vamos ver a barca nova
que do céu caíu no mar.

Nossa-Senhora vem ver
os anjinhos a remar:
rema, rema, remador,
que essas aguas são de flor.

A barca virou...
deixou de virar...
por causa da (fulana),
que não soube navegar.

Variantes: *meninas, vamos; vamos, meninas, vamos; vamos ver a lancha nova; Nossa-Senhora vê; Nossa-Senhora, venha ver.* — *Maninhas.* *Mano* está com a significação antiga de *amigo, colega,* comuníssima nos autos. E' um encurtamento hipocarístico de *germano,* latinismo que se infiltrou poderosamente no português de outrora. Diga-se de passagem que o latim *germanus* mais depressa que o espanhol *hermano* explica o português *irmão.* Em expressões como *illu germanu,* em que o *g* ficasse intervocálico, dar-se-ia a iotização do *g,* a influéncia assimilatória do novo fonema no *e* e a conseguinte fusão dos dois: *illu germanu* > *lo iermãu* > *lo iirmãu* > *lo irmão* > *o irmão.* — *Remador,* singular, referindo-se ao plural *anjinhos,* como se fosse um coletivo. — *Essas aguas são de flor.* O natural era *flôres.* O singular deve ser devido à atração rímica de *remador.* — *A (fulana).* No interior do Ceará quase nunca se antepõe o artigo ao nome de pessoa. Na capital e adjacéncias quase nunca se deixa de antepor.

: : : : : : : : : :

A MENINA DA RODA

Esta menina
que está na roda
já tem idade,
idade,
de casar!

— Agora escolhe
a que tu quiseres,
para contigo,
contigo,
casar!

— Esta não me serve,
esta não me agrada.
Só a ti, só a ti
é que eu hei de amar!

Variantes: *de trabalhar; que eu hei de amar.* — *Casar* é que é a versão verdadeira e o que está em João do Rio. A variante *trabalhar* é uma correção das mães, que querem afastar do cérebro infantil das filhas a idéa de casar, infiltrando-lhe ao mesmo tempo no espírito a do trabalho. — *Que eu hei de amar.* Da expressão de refôrço *é que* não é difícil eliminar o povo o verbo *é.*

: : : : : : : : : :

A SENHORA AMÉLIA

A senhora Amélia,
tão engraçadinha,
entrará na roda,
ficará sozinha!

— Sozinha eu não fico,
nem hei de ficar,
que uma dama dessas
há de ser meu par!

Variantes: *senhora Amélia,... entrarás... ficarás; que uma dama destas; há de me abraçar.* — *Tão engraçadinha.* Equivale a um superlativo enfático por causa do *tão* e do diminutivo intensivo. — *Nem hei de ficar.* Nas duas versões dadas por João do Rio lê-se: "na roda sosinho / não hei de ficar" ou "no meio sósinho / não hei de ficar". Em verdade, o *nem* é insólito. Devia ser *não* ou *nunca,* mas não há variante que acuse essas palavras. No português antigo *nem* aparece com emprêgo idéntico. Será um resquício dêsse emprêgo? — *Uma dama dessas.* Numa das duas versões lusitanas se lê *madamas.* Na nossa dialetação *madama,* como *mulher-dama,* o mesmo é que *cortesã.*

A MENINA GALANTE

— Aonde vais assim,
bela menina,
menina galante?

— Vou ao bosque celeste.
— Bela menina,
menina galante!

— Que fazer no bosque celeste,
bela menina,
menina galante?

— Vou colher as violetas.
— Bela menina,
menina galante!

— Onde botar as violetas,
bela menina,
menina galante?

— Botarei nos meus bolsinhos.
— Bela menina,
menina galante!

Teus bolsinhos são pequenos,
bela menina,
menina galante!

— Deitarei no avental.
— Bela menina,
menina galante!

— Se encontrares o rei,
bela menina,
menina galante?

— Far-lhe-ei um comprimento.
— Bela menina,
menina galante!

— Se encontrares a rainha,
bela menina,
menina galante?

— Dar-lhe-ei boa noite.
— Bela menina,
menina galante!

— Se encontrares o gato,
bela menina,
menina galante?

— Mostrarei os meus chifrinhos.
— Bela menina,
menina galante!

Variantes: *vou apanhar as violetas; onde pôr as violetas; botarei no avental; um cumprimento.* — A disposição estrófica e dialogal da cantiga demonstra ao primeiro lance de olhos que ela não pertencia primitivamente ao conjunto das cirandas. Não é propriamente cantada. E' antes declamada em tom musical. Do caráter diferencial das cirandas só tem o estribilho. Falta-lhe o essencial: a música gritante. — *Aonde.* Não se conclua do emprêgo dêste advérbio que o povo observa a regra gramatical que distingue *onde* de *aonde.* Essa regra, ditada pela sintaxe lógica, é muito moderna e somente literária. — *Que fazer no bosque?* Oração de infinito absoluto, como *onde botar as violetas?* Está perfeitamente estudado pelos modernos glotólogos êste esquema sintático, que não mais admite a especiosa explicação de uma forma verbal pura oculta. — *Bolsinhos.* E' um diminutivo de carinho. Por isso não faz pleonasmo com *pequenos.* Mas, ainda quando o diminutivo guarda o valor próprio, não é raro ouvir juntar-lhe o adjetivo *pequeno.* Pode-se dizer mesmo que é comum ouvir *olhinhos pequenos, bolsinhos pequenos, mãozinhas pequenas,* etc. São diminutivos enfáticos. — *Comprimento,* por *cumprimento,* que aparece numa variante, era,

como os seus derivados, forma muito usada por António Feliciano de Castilho.

: : : : : : : : : : :

A PONTA DAS AGULHAS

Pela ponta das agulhas,
todo mundo passa.
As lavandeiras
fazem assim...
Taralá lalá lalá!

Pela ponta das agulhas,
todo mundo passa.
As costureiras
fazem assim...
Taralá lalá lalá!

Ponta das agulhas. Outra evidentíssima atração semântica. A palavra *agulha* sugeriu *ponta.* Entretanto, embora nenhuma variante o diga, o primitivo e lógico foi *Ponte das Agulhas.* Era um lugar, uma ponte, por onde passava todo mundo, lavadeiras, costureiras, engomadeiras, etc. *Ponta* não faz sentido. — *Lavandeiras.* Não penso em contestar o estudo de linguística comparada que fez o Dr. Leite de Vasconcelos para explicar o *a* nasal de *lavandeira.* Mas fôrça é convir que no português, geral ou dialetal, não é difícil a nasalação de uma vogal que esteja em contacto com as consoantes homorgánicas das nasais *m* e *n: esfiampar, trampalho, trambelho, trambolho, indiota, fiandeiro, lavrandeiro,* etc. — *Taralá, etc.* Silabas neumáticas.

: : : : : : : : : : :

A ZABELINHA

Zabelinha foi à missa,
num cavalo, sem espora;
o cavalo escorregou,
Zabelinha saltou fora.

Zabelinha foi à missa
num cavalo choutão;
o cavalo escorregou,
Zabelinha foi ao chão.

Dança, dança, Zabelinha,
não assenta o pé no chão:
todo mundo está dizendo
que te dá um patacão.

Dança, dança, Zabelinha,
na pisada do ganzá . . .
Quem quiser cuide no milho,
que eu cuido no mucunzá.

Dança, dança, Zabelinha,
mexe aqui, mexe acolá:
todo mundo está dizendo
que uma coisa te dará.

Dança, dança, Zabelinha,
na pisada miudinha:
todo mundo está dizendo
que te dá uma coisinha.

Variantes: *o cavalo deu um tope; Zabelinha pulou fora; Zabelinha caiu no chão; bole aqui, bole acolá.* — *Zabelinha,* por *Isabelinha,* de *Isabel,* como em Portugal *Delaidinha,* por *Adelaidinha,* de *Adelaide.* — *Sem espora.* A pronúncia cromática dada ao verso *num cavalo, sem espora* de tal maneira liga *sem espora* a *cavalo,* que a locução parece mais determinante de *cavalo* do que de *foi,* o que contraria o bom senso. — *Não assenta o pé.* O pouco uso do imperativo na linguagem popular leva a empregá-lo negativamente, contra a praxe estabelecida. José de Alencar, brasilista destemeroso, propositalmente o empregou assim muitas vezes. — *Patacão.* Moeda grande de prata, do valor de 2$000. Também se diz um *patacão de cobre,* em referéncia à moeda grande de cobre,

dos tempos imperiais, do valor de $040, mais conhecida por *dobrão*. — *Na pisada do ganzá*. No *passo* cadenciado pelo toque do ganzá. *Ganzá* é um instrumento músico, uma espécie de maracá grande, sem cabo, movido em geral com as duas mãos. — *Cuide no milho*. Sintaxe correta, mais antiga que *cuide do milho*, que hoje é preferida. — *Mucunzá*. Cándido de Figueiredo consigna *mucunzá* e *mugunzá* como palavras diferentes, usada a primeira no sul do Brasil com a significação de *canjiga*, e a segunda no norte com a significação de *milho cozido*, e, ao definir *canjiga*, sinonimiza o vocábulo com *mugunzá*. Uma balbúrdia. A verdade é que ambas as formas dizem uma só coisa. *Mucunzá* predomina do Rio-Grande para o extremo norte. *Mugunzá* da Paraíba para a Baía. Nos estados do sul dizem *canjica*, que é muito diferente no norte. O mucunzá é feito de milho sêco apenas descascado e desolhado. A canjica, espécie de papa, é feita de milho verde ralado. — *Mexer*, por *mexer-se*, como *bulir*, da variante, por *bulir-se*. Os verbos pronominais tendem a desaparecer na dialetação brasileira.

: : : : : : : : : :

MILUNGUINHA

Maricota, me solta;
tão bela,
vai para teu lugar.
Meia volta darei eu,
se eu souber dar!

Outra meia,
por que não sei . . .
olé, olé, Milunguinha,
apareça em seu lugar,
olé, olé, Milunguinha,
prá roda dançar!

Darei eu, se eu souber. Longe de ser um galicismo o uso continuado do sujeito pronominal, é, tanto no Brasil como em Portugal, um vulgarismo que vai invadindo o campo literário. — *Milunguinha*..... Beaurepaire-Rohan regista *milongas*, "plurale tantum", como um pernambucanismo que significa *enredos, mexericos, desculpas mal cabidas*, e o filia ao quimbundo *milonga*, plural de *mulonga*, que vale *palavras*. Roque Callage e o Pe. Teschauer registam o gauchismo *milonga*, que ambos definem: "Especie de musica crioula platina cantada ao som da guitarra (violão) e que está tambem ..... adaptada entre a gaúchada riograndense da fronteira". Trata-se provàvelmente de uma só palavra, da qual é diminutivo o nosso *Milunguinha*, que apresenta a passagem de *on* a *un*, fenómeno fonético comum entre o povo. — *Roda*. Personificado. As cantigas lúdicas oferecem várias vezes a denominação *roda* e uma vez *ciranda*.

: : : : : : : : : :

O CARNEIRINHO

Carneirinho, carneirão,
... neirão, ... neirão,
olhais pro céu, olhais pro chão,
... neirão, ... neirão;
pede a Deus, nosso senhor,
... neirão, ... neirão,
para nós se ajoelhar,
... neirão, ... neirão.

Carneirinho, carneirão,
... neirão, ... neirão,
olhais pro céu, olhais pro chão,
... neirão, ... neirão.
pede a Deus, nosso senhor,
... neirão, ... neirão,
para nós se levantar,
... neirão, ... neirão.

Ô tintim dô-lê,
ô tintim dô-lá!
Toca na viola,
para nós dançar!

Variantes: *olha pro céu, olha pro chão, olhai, olhar; para todos se ajoelhar, ajoelharem; para todos se alevantar, alevantarem.* — *...neirão, ...neirão.* As duas últimas sílabas de *carneirão* vieram a servir de estribilho à composição. Mas o estribilho pode ser dado pelas sílabas finais de cada verso: *olhais pro céu, olhais pro chão,/ pro chão, pro chão; pede a Deus, nosso senhor, / senhor, senhor; para todos se ajoelharem, / elhar', elharem,* etc. O essencial é que êle seja constituído por quatro sílabas métricas. — *Olhais.* Como já expliquei, *olha* é a versão primitiva, que, em virtude do acento musical *(olhá)* foi transmudado em *olhar* e *olhais.* Há uma discordância de pessoa e modo entre *olhais* e *pede.* — *Pro.* Contração da preposição *pra (para)* com o artigo *o.* Também se diz *prao,* como *ao.* — *Para nós se ajoelhar.* Na linguagem plebéa, é costume tirar o pronome ao verbo pronominal ou então manter *se* em todas as pessoas. Ainda apresenta êste verso a estranheza de *nós ajoelhar.* Sintaxe arcaica, ainda hoje popular também em Portugal. — *Pede para.* Nada tem de censurável esta sintaxe. Tanto se pode dizer *peço que êle venha* como *peço para que êle venha* e *peço para êle vir.* Isso é já devido ao latim. — *Ô tintim dô-lê, dô-lá.* Sílabas musicais. — *Toca na viola.* O verbo *tocar* pede, de acôrdo com os catassóis de idéa destinado a traduzir, as preposições *em, de, por* e *a.* Mas, no sentido de *tanger, fazer soar* um instrumento músico, é transitivo, não pede nenhuma preposição. O exemplo da ciranda parece-me singular e só posso explicar como influéncia de *tocar em,* construção que, com outra significação, é a mais conhecida do povo.

O CORCUNDA

Eu sou corcunda,
mas tenho dinheiro;
à falta de moça,
não morro solteiro.

Quando o corcunda
saíu de anquinhas,
as moças, da janela,
soltaram risadinhas.

Eu sou corcunda, etc.

Quando o corcunda
saíu de moleta,
as moças, da janela,
fizeram careta.

Eu sou corcunda, etc.

Quando o corcunda
saíu de colete,
as moças, da janela,
soltaram foguete.

Eu sou corcunda, etc.

E se sou corcunda,
devo a meu irmão:
tirou-me da cama,
sacudiu no chão.

Variantes: *eu sou cacunda, cacundo; sacudiu-me no chão, jogou-me.* — *Corcunda* ou *carcunda* é a forma geral. O nosso povo diz ainda *cacunda* e *cacundo*, que vêm nas variantes. E' provável que *cacunda*, sem *r*, seja também corrente em Portugal, embora não o acusem

os léxicos. *Cacundo*, como substantivo, provém do adjetivo *cacunda*, em que se deu a influéncia da idéa de masculino na forma vocabular: *homem cacunda* > *homem cacundo*. Caso semelhante se dá com *em pé*. Diz-se *o homem está em pé*. Daí, dizer o povo *em pèzinho*, como *de mansinho;* depois, considerando *em-pèzinho* um adjetivo, começou a dizer *os homens estão em-pèzinhos, a mulher está em-pèzinha*. Do costume de se porem as creanças às costas, que então se corcovam, disse-se *pôr na corcunda* e, depois, *nas corcundas* (plural influenciado por *costas)*, donde *corcundas* e *cacundas* virem a significar *costas*.—*Risadinhas*. Diminutivo de escárneo.—*Soltar foguete* está na accepção própria. Na figurada, diz-se do ato de passar alguém pela pessoa amada e voltar-se para vê-la. — *Sacudir* é *lançar, atirar, com fôrça*. Entre nós perdeu a idéa de fôrça e é o verbo preferido. Está sem o objeto, como é o comum.

(Continúa)